

HISTÓRIA, ENSINO E MEMÓRIA

*Maria do Rosário Cunha Peixoto**
*Olga Brites**

Esta oficina foi pensada para discutir criticamente as relações entre ensino de história e o contexto comemorativo atual. Sua elaboração propôs a análise de documentos escritos e iconográficos que construíram memórias a respeito dos habitantes da terra – os índios – e de sua natureza.

A proposta do evento para oficinas de trabalho pressupôs um trabalho ativo dos participantes, que, através de materiais analisados, sugerissem problemas e encaminhamentos a serem debatidos ao longo do espaço reservado para a atividade. A idéia, portanto, foi a de envolvimento dos que vieram participar das oficinas, contrapondo-se a uma dinâmica que sugerisse aula expositiva ou conferência. Propusemo-nos a refletir sobre fontes visuais e textuais como instrumentos de trabalho para o profissional de história em ensino e pesquisa..

O primeiro dia dessa atividade foi desenvolvido pelas professoras doutoras Maria do Rosário Cunha Peixoto e Olga Brites, tendo discutido a carta de Pero Vaz de Caminha e suas reapropriações na historiografia brasileira do século XIX, refletindo também sobre uma produção mais recente. Nossa intenção foi pensar a Carta como parte de um projeto colonizador que pressupôs relações de poder, que ajudaram a construir uma imagem da história e da nação brasileira como homogêneas e sem conflitos, servindo a interesses dominantes em diferentes períodos de nossa história, inclusive no presente. Tomada como memória fundadora da nação brasileira, ao menos desde o século XIX, ela foi referência em diferentes espaços e momentos como prova do que aqui existia e do que aqui se viu. Nossa discussão, contrapondo-se a essa perspectiva, foi conduzida

* Professoras do departamento de História da PUC-SP.

no sentido de pensá-la como interpretação, em vez de encará-la como reprodutora do real. Trabalhamos a necessidade de considerar as condições históricas de sua produção.

No segundo dia, a atividade, desenvolvida pelo professor doutor Marcos A. da Silva, discutiu a especificidade da pintura histórica em relação a outras fontes visuais. Priorizou debater com pesquisadores, professores e alunos a formação de um olhar analítico em relação às artes visuais, incentivando aqueles sujeitos de conhecimento histórico à prática permanente da interpretação de imagens. Essa oficina realizou exercícios práticos de análise a partir de *slides* e fotografias. Ao trabalhar com a pintura histórica, mostrou como diferentes pintores dedicados a essa atividade contribuíram para a construção da história e da memória da nação, dialogando com documentos escritos, historiadores, enfatizando aspectos e personagens de nossa história, consagrados como heróicos. A oficina se propôs ainda discutir outros pintores que, atuando na contramão dessa história, criticaram essa dimensão da história e deram vez a outras histórias e personagens. A atividade, portanto, pressupôs a diversidade dessa produção.

No último dia, a oficina “O índio como selvagem”, ministrada pelo doutor Fernando Torres Londoño, analisou como exercício o Diálogo da Conversão dos Gentios, do Padre Nóbrega, destacando a forma como nele o índio é apresentado como selvagem.

Uma preocupação dessas oficinas foi a reflexão sobre essas questões, considerando experiências de ensino e pesquisa como indissociáveis, e sobre o historiador como sujeito do conhecimento que intervém e propõe mudanças, sugerindo outras formas de pensar e conceber a história, dialogando criticamente com a produção histórica a partir da sua inserção social e das suas leituras contemporâneas sobre passado e presente, evidenciando projetos distintos e as lutas entre os diferentes sujeitos.

A partir dessas atividades, foram produzidos artigos que discutem aspectos das temáticas e questões debatidas coletivamente.